

NOVOS RUMOS PARA A LINGÜÍSTICA APLICADA CONTEMPORÂNEA

Roberta VIEIRA

RESUMO: *Este artigo pretende discutir a inadequação de modelos teóricos recorrentes na pesquisa em lingüística aplicada, doravante LA, que pretendem, ao adotar uma espécie de cartilha a ser seguida inflexivelmente, desconsiderar a complexidade das questões a serem investigadas e os sujeitos que muito poderiam contribuir para a construção de saberes. Uma possível solução para o problema poderia ser uma abordagem transdisciplinar tendo como ponto de partida as Teorias da Complexidade, incluindo as Teorias do Caos e as do Pensamento Complexo. Posteriormente, a título de exemplificação, sugerimos que a pesquisa em LA seja concebida do problema para a(s) teoria(s) e não da teoria para o problema, como tem sido recorrente na pesquisa.*

PALAVRAS-CHAVE: *lingüística aplicada, transdisciplinaridade, Teorias da Complexidade*

ABSTRACT: *The aim of this article is to discuss the inadequacy of recurrent theoretical models in applied linguistics research, hereafter AL, which, by adopting a set of rules to be followed inflexibly, intend to dismiss the complexity of the matters to be investigated and the subjects who could truly contribute to the construction of knowledge. A feasible solution to this problem might be a transdisciplinary approach to the research having as its starting point the Theories of Complexity, including the Chaos Theory and the Theory of Complex Thought. Finally, aiming to exemplify our point, we suggest that the research in AL be conceived from the problem to the theory(ies) and not from the theory to the problem, as has been recurrent in research.*

KEY WORDS: *applied linguistics, transdisciplinarity, Theories of Complexity*

1. Da Inadequação do Modelo Tradicional

A LA tradicional é considerada por alguns autores (Moita Lopes, 2006: 25) como uma área ainda muito positivista¹ -- embora esses mesmos autores afirmem que, em geral, na formulação da metodologia no Brasil, não o seja tanto --. De acordo com essa visão, a LA é associada quase que exclusivamente ao ensino/aprendizagem de língua estrangeira², com forte dependência do embasamento teórico proveniente da lingüística, sua ciência-mãe, muitas vezes ignorando visões importantes de outras áreas de conhecimento

¹ Erickson (1996 cited in Paiva: 2005) afirma que a pesquisa positivista sobre ensino presume que a história continuamente se repete e que o que foi aprendido através de experiências passadas pode ser generalizável a eventos futuros -- no mesmo contexto ou ainda em contexto diversos.

² De acordo com Moita Lopes (2006: 19), a pesquisa em LA no Brasil tem se espalhado para uma série de contextos diferentes da sala de aula de língua estrangeira: da sala de aula de língua materna para as empresas, para as clínicas de saúde, para a delegacia de mulheres etc., ainda que aspectos referentes à educação lingüística predominem.

ou apenas invocando as bases dessas áreas sem que haja o rompimento de barreiras entre as disciplinas. Tal perspectiva tem tratado as práticas a serem investigadas de forma descontextualizada, e encarado os sujeitos como homogêneos e imunes ao contexto sociocultural em que estão inseridos, ou seja, os indivíduos são concebidos associalmente, visto que o papel do social não é entendido como relevante. Em outras palavras, o fato de que o ser humano é imprevisível e mudanças e ajustamentos podem ocorrer em situações semelhantes, desde que ocorram ainda que pequenas variações no contexto imediato ou mais distante, ou até mesmo a própria personalidade de cada um, não tem sido levado em consideração.

De fato, as opiniões leigas advindas desses sujeitos têm sido consideradas totalmente desinteressantes e, por conseguinte, propensas a despistar o cientista do “rumo certo” no desenvolvimento de suas investigações. Os sujeitos seriam úteis apenas no fornecimento de dados cuja interpretação seria de total responsabilidade do cientista, o “único” detentor do conhecimento válido, reconhecido. No caso do ensino de línguas, por exemplo, os sujeitos forneceriam os dados lingüísticos e os lingüistas os interpretariam de acordo com suas teorias devidamente validadas. Aos cientistas da linguagem só interessaria o que os sujeitos dizem *em* sua língua, não o que dizem *sobre* sua língua, pois para esses estudiosos pouco importa o que o que leigo pensa sobre linguagem. Ainda assim, assume o papel daquele que produz conhecimento sobre a vida dessas mesmas pessoas ou indica-lhes ações políticas (Moita Lopes, *op cit*) Como dito anteriormente, essa perspectiva, muitas vezes, relega ao social um papel apenas secundário, e como ressalva o autor Mey (1985).

“Não se pode descrever a língua e seu uso fora do contexto daquele uso, isto é, da sociedade na qual ela é usada. Começar por uma definição da língua (qual?), e posteriormente definir a sociedade (de que tipo?), ou

proceder em direção oposta, apenas vai resultar em tentativas (tão desesperadoras quanto precárias) de juntar o que nunca deveria ter sido separado.”

No entanto, a tendência de alguns estudos contemporâneos em LA, ainda que não muitos (Moita Lopes, *op cit*), é considerar problemas relacionados à linguagem, que sejam socialmente relevantes, de forma contextualizada, e buscar soluções pertinentes e úteis para os sujeitos. Muitos pesquisadores da área têm buscado focalizar a linguagem como prática social e observá-la em uso, imbricada em ampla amalgamação de fatores contextuais. Em outras palavras, cada vez mais se percebe que para que a teoria tenha alguma utilidade, precisa-se levar em consideração sua utilidade prática para os indivíduos no seu cotidiano, caso contrário, a elaboração de tais teorias terá a simples finalidade de satisfazer a criatividade e o ego de quem a desenvolveu.

“Já não se busca mais “aplicar” uma teoria a um dado contexto para testá-la. Também não se trata mais de explicar e descrever conceitos ou processos presentes em determinados contextos, sobretudo escolares, à luz de determinadas teorias emprestadas, (...). A questão é: não se trata de qualquer problema – definido teoricamente –, mas de problemas com relevância social suficiente para exigirem respostas teóricas que tragam ganhos a práticas sociais e a seus participantes, no sentido de uma melhor qualidade de vida, num sentido ecológico.”

(Rojo, 2006)

Portanto, não caberia ao profissional competente, comprometido com a melhoria da qualidade de vida do ser humano, almejar o saber pelo saber, ou a invenção pela invenção, deslocados de compromissos éticos.

2. Um Novo Paradigma

Alguns estudiosos no campo da LA têm procurado desenvolver suas pesquisas à luz da teoria dos sistemas complexos, que serão explicados em detalhes mais adiante, por entenderem que o fato de vários elementos se arranjam de uma forma específica, necessariamente, contribui para a produção de determinados efeitos de sentido. Por conseguinte, o apoio na interface de diferentes campos do conhecimento faz-se necessário, pois de acordo com esses pesquisadores, apenas uma única área de conhecimento não é capaz de dar conta de um fenômeno complexo como, por exemplo, a aquisição de uma língua estrangeira, entre tantos outros. Ao abordar uma questão sob apenas um ponto de vista, arrisca-se supor relações que, na verdade, podem não existir, o que inutilizaria a pesquisa ou poderia provocar danos mais sérios, dependendo da natureza do assunto que estivesse sendo investigado.

Além disso, esses pesquisadores têm apontado para a necessidade da inclusão dos saberes dos indivíduos que vivem à margem da sociedade e que muito poderiam contribuir para o desenvolvimento da pesquisa em LA. Moita Lopes (*op cit*) argumenta que a LA contemporânea precisa ter algo a dizer sobre o mundo para os sujeitos que o habitam, ou seja, a pesquisa em LA não pode estar dissociada da prática, ignorando as vozes dos que a vivem. Para o autor brasileiro, o grande desafio para pesquisadores da atualidade é produzir conhecimento que tenha relevância também para aquelas pessoas que sofrem às margens da sociedade, as Vozes do Sul, como ele as denomina – seguindo Boaventura de Souza Santos (2004), – as quais têm encontrado inúmeros obstáculos para se fazerem ouvir.

“Aqueles que foram postos à margem em uma ciência que criou outridades com base em um olhar ocidentalista têm passado a lutar para emitir suas vozes como formas igualmente válidas de construir

conhecimento e de organizar a vida social, desafiando o chamado conhecimento científico tradicional e sua ignorância em relação às práticas sociais vividas pelas pessoas de carne e osso no dia-a-dia, com seus conhecimentos entendidos como senso comum pela ciência positivista e moderna.”

(Moita Lopes, 2006)

Assim, Moita Lopes entende que aqueles que vivem excluídos podem ter muito a contribuir para a construção de conhecimento sobre a vida social e até mesmo colaborar para a compreensão de questões pertinentes para a pesquisa. Posto isto, mister se faz a introdução de um novo paradigma para que a LA dialogue com o mundo contemporâneo, no qual convivem idéias paradoxais: racionalismo e irracionalismo, humanismo e barbárie, cientificismo e misticismo, intelectualismo e antiintelectualismo, em outras palavras, um mundo em constante conflito e mudança.

O objetivo desse novo paradigma seria o de estabelecer uma aliança anti-hegemônica e antiexcludente, contrariando a concepção tradicional de vida social que encara os sujeitos como homogêneos e os discursos como globalizados. E, para isso, a LA não pode ser encarada como uma disciplina fechada em si mesma, ignorando saberes de outras áreas do conhecimento, mas sim como uma área de estudos que pode e deve “beber de várias fontes” para que saberes diferentes possam ser articulados de forma a possibilitar uma visão mais abrangente e mais clara das questões investigadas.

3. O Conhecimento pela Desaprendizagem

Morin (2007: 135) ressalta que as disciplinas cada vez mais “se fecham e não se comunicam com as outras. Os fenômenos são cada vez mais fragmentados, e não se consegue conceber sua disciplinaridade”. Ainda de acordo com esse autor, por mais que a interdisciplinaridade permita alguns intercâmbios entre disciplinas, de certa forma, há uma

forte preservação de seus territórios, não permitindo, assim, a sinergia necessária para que as disciplinas verdadeiramente dialoguem. Conforme já sugerido pela Teoria dos Sistemas Complexos ou Teoria do Caos³ (Leffa, 2006), os saberes não devem ser compartimentados, fechados dentro das suas áreas de conhecimento, ao contrário, devem ser articulados entre si para que o ser humano e suas questões possam ser compreendidos na sua complexidade. Larsen-Freeman (1977) foi quem primeiro tratou dessa complexidade ao ressaltar que:

“A teoria do caos afirma que pequenas mudanças podem resultar em grandes diferenças e que há uma ordem subjacente a tudo que nos rodeia. A teoria tenta explicar que resultados complexos e inesperados podem ocorrer, e ocorrerão, em sistemas que são sensíveis às suas condições iniciais. Essa forma de pensamento não-linear contraria a lógica cartesiana, ignora as hipóteses deterministas e abandona o conceito de ciência no sentido de que o conhecimento deve ser sistemático, objetivo e generalizável. O conceito de contexto passa a ser crucial para que possamos entender a natureza diversificada dos fenômenos. De acordo com a nova forma de olhar os fenômenos, os sistemas são complexos, não-lineares, dinâmicos, caóticos, imprevisíveis, sensíveis às condições iniciais, abertos, sujeitos a atratores e adaptativos, pois se caracterizam pela capacidade de auto-organização.”

(Larsen-Freeman, 1977 *apud* Leffa, 2006)

Em outras palavras, a Teoria do Caos estabelece que uma mudança qualquer, por menor que possa parecer, ocorrida no início de um evento, pode trazer conseqüências futuras desconhecidas, uma vez que tudo está intimamente interligado numa cadeia de causa e efeito. A conseqüência desse fato para a pesquisa é a necessidade de contextualizar os assuntos investigados, visto que detalhes desconsiderados poderão alterar totalmente o resultado final da pesquisa. De acordo com Leffa (*op cit*):

³ Vale ressaltar que a palavra caos nesse contexto não remete à idéia de desordem ou confusão, ela é utilizada apenas para enfatizar a noção de complexidade, expressando a imprevisibilidade inerente ao sistema.

“Ao estudar um sistema não é permitido fragmentá-lo em segmentos isolados e depois estudar cada um desses segmentos sem levar em consideração o contexto em que eles estão situados e suas relações com todos os outros segmentos. A soma de cada segmento não reflete a realidade do sistema porque ele é dinâmico e evolui com o tempo à medida que os segmentos vão interagindo uns com os outros e, dessa maneira, introduzindo modificações no próprio sistema.”

Moita Lopes (*op cit*) também atenta para a necessidade de contextualização dos sujeitos e eventos investigados, portanto, percebemos a consonância entre suas idéias e a perspectiva da Teoria do Caos. O autor brasileiro afirma que o sujeito social apresenta “natureza fragmentada, heterogênea, contraditória e fluida” e que, por conseguinte, não deveria ser visto “por meio de lentes de homogeneização, só possíveis porque sua sócio-história e corpo são apagados.” Concordamos, então, com a posição defendida por Moita Lopes de que o fato de os sujeitos serem colocados nesse vácuo social e suas particularidades e subjetividade serem desconsideradas ou percebidas como irrelevantes para a pesquisa, revela-se um grande obstáculo para a investigação de questões, pois já que a Teoria do Caos atesta que uma variação mínima pode levar a grandes mudanças no sistema, e dada a complexidade inerente às questões referentes aos seres humanos, essas mudanças poderiam ser de grande proporção.

Essa posição, entretanto, não é recente, visto que já na década de 20, ou seja, anteriormente ao surgimento da teoria do pensamento complexo, Vygotsky alertava sobre a complexidade e o dinamismo do pensamento verbal e de seu desenvolvimento como um percurso com muitas variações e “uma variedade infinita de movimentos progressivos e regressivos, de caminhos que ainda desconhecemos.” (Vygostky, 1987 *cited in* Paiva, 2005) Portanto, para as ciências da complexidade a natureza é um fenômeno complexo que abriga em si outros sistemas igualmente complexos.

Por conseguinte, observamos que a transdisciplinaridade pode oferecer um caminho para o entendimento de questões complexas, visto que esta é uma abordagem que passa entre, além e através das disciplinas, numa busca de compreensão da complexidade. A transdisciplinaridade diz respeito ao estudo de um objeto de uma mesma e única disciplina por várias disciplinas ao mesmo tempo. Dessa forma, o estudo do objeto sairia enriquecido pelo cruzamento entre as diversas disciplinas e o conhecimento desse objeto em sua própria área seria aprofundado. De acordo com Leffa (*op cit*), a transdisciplinaridade seria “o estágio final de uma visão evolucionista de ciência que começa com a disciplinaridade, evolui para a multidisciplinaridade, daí para a interdisciplinaridade, e, finalmente para a transdisciplinaridade”.

Na disciplinaridade cada área de estudo ou disciplina é separada das outras, isolada, sem a possibilidade de comunicação com as outras. Quando da consideração de uma questão, o ponto de partida é a disciplina. De acordo com essa perspectiva somente a disciplina é enriquecida teoricamente, enquanto que seu objeto tem apenas a função de fornecer a matéria-prima para a investigação.

Na multidisciplinaridade, entretanto, o objeto de pesquisa é vislumbrado através da perspectiva de diferentes disciplinas. Embora o objeto seja comum, não há interação entre as disciplinas, somente entre cada disciplina e o objeto investigado.

Já na etapa da interdisciplinaridade, há alguma interação entre as disciplinas que pesquisam determinado objeto. O ponto de partida, no entanto, ainda é das disciplinas para o objeto.

Finalmente na transdisciplinaridade inverte-se o processo e o ponto de partida é o objeto. Qualquer disciplina pode ser usada ou não na investigação desde que

possa contribuir para o entendimento de questões. A interação entre as disciplinas é de caráter opcional podendo ser do tipo multi ou interdisciplinar.

“Essa diversificação de enfoques, temas, objetos e, decorrentemente, de teorias, descrições e metodologias, própria dos anos 1990, contribui fortemente hoje para se recolocar a discussão da identidade da área de LA como um todo e para aprofundar as discussões sobre o seu caráter transdisciplinar. Se no passado, a questão da identidade da LA tinha a ver com suas fronteiras em relação à lingüística, hoje se reconhece a natureza transdisciplinar da LA em suas relações com a educação, a psicologia, a etnografia da comunicação, a sociologia, etc.”

(Rojo, *op cit*)

Moita Lopes (*op cit*) acrescenta ainda que alguns autores têm caminhado nessa direção, embora, infelizmente, não sejam maioria, ao descreverem o sujeito social considerando teorias pós-modernas críticas (Pennycook, 2006), *queer* (Nelson, 2006 e Moita Lopes, 2006), feministas (Cameron, 1997; Heberle, 2004; Osterman, 2003), anti-racistas (Magalhães, 2004), pós-coloniais (Makoni & Meinhoff, 2006 e Kumaradivelu, 2006) etc. Argumenta então, que uma nova agenda deva ser criada para a LA de forma a reestruturar a forma de produzir conhecimento nessa área.

Esse mesmo autor vai além e aponta quatro aspectos que precisam estar presentes em tal agenda, a saber: a imprescindibilidade de uma LA híbrida ou mestiça; a LA como uma área que explode a relação entre teoria e prática; um outro sujeito para a LA: as Vozes do Sul; a LA como área em que ética e poder são os novos pilares. De acordo com o autor brasileiro, se a investigação nessa área tem por objetivo produzir conhecimento relevante para a melhoria da qualidade de vida das pessoas no mundo contemporâneo, conhecimento esse que se faz a cada dia mais necessário e que pode e deve ser adquirido através do diálogo intenso com conceitos das mais diversas áreas de estudos, mister se faz a inclusão de tais aspectos. Para o autor Pennycook (2006: 78), a LA, nesse sentido, tem

caminhado a passos lentos, e somente recentemente começou a considerar tais questões. O autor ainda cita Canagarajah (2004: 117) o qual diz que apenas começamos a...

“...redefinir nossa compreensão do ser humano. Pedimos emprestados construtos de disciplinas tão diversas quanto a filosofia, a retórica, a crítica literária e as ciências sociais. Adotamos posições teóricas diferentes, englobando a pesquisa feminista, os estudos de socialização da linguagem, a semiótica bakhtiniana e o pós-estruturalismo foucaultiano. Essas escolas nos ajudaram a entender as identidades como múltiplas, conflitantes, negociadas e em desenvolvimento. Viajamos para bem longe das pressuposições, tradicionais em estudos da linguagem, de que as identidades são estáticas, unitárias, distintas e dadas.”

Ou seja, um longo e árduo caminho a ser percorrido ainda há pela frente, contudo, percebe-se que um número, ainda pequeno, mas crescente de pesquisadores em LA têm considerado os aspectos apresentados por Moita Lopes como relevantes na construção de saberes verdadeiramente úteis para o mundo contemporâneo e as pessoas que nele habitam. Dessa forma, uma LA híbrida e transdisciplinar pronta a ouvir também as vozes dos sujeitos à margem da sociedade, talvez encontre alguma resistência por parte dos que não aceitam mudanças tão facilmente. Entretanto, essa transformação é mais do que uma opção para os profissionais verdadeiramente comprometidos em repensar as questões da vida social. É uma obrigação.

4. Considerações Finais

Este breve artigo pretendeu levar o leitor a uma reflexão acerca do papel da LA na contemporaneidade, convidando o mesmo a repensar um espaço distinto para essa área de conhecimento, um espaço humanizador no sentido não só de aceitar a diferença, mas sim perceber o quanto essa diferença pode contribuir com novas formas de

entendimento de nossa realidade. Discutimos, inicialmente, a visão tradicional de LA, com seus saberes compartimentados, fechados em si mesmos e inadequados para a abordagem de situações complexas que requerem a convergência de várias áreas do conhecimento para explicar um único fenômeno. Consideramos também a necessidade da inclusão do conhecimento dos sujeitos, comunidades e grupos marginalizados da nossa sociedade, ressaltando a relevância de sua contribuição para o entendimento de questões das pesquisas contemporâneas em LA. Para finalizar, discorreremos sobre a necessidade de uma abordagem transdisciplinar dos assuntos investigados, pautadas nas Teorias da Complexidade, incluindo as Teorias dos Sistemas Complexos ou Teoria do Caos, que sugerem que é “perigoso” investigar um problema separado do contexto em que ele ocorre; faz-se necessário não só considerar o contexto imediato, mas também o contexto mais distante, pois acreditamos que uma pequena e aparentemente insignificante mudança em determinado contexto pode provocar alterações muito grandes no resultado final de uma pesquisa. A desvantagem de se tratar de uma questão de forma isolada, é que podemos supor relações onde elas não existem. Normalmente tem-se apenas uma pesquisa inútil, mas em alguns casos pode se criar uma situação realmente perigosa. Segue-se então uma proposta de se pluralizar as teorias e singularizar os dados, partindo-se do problema para as teorias e não da teoria para os problemas, de forma a possibilitar uma visão mais ampla das questões, movimentar saberes e articular o novo.

Esperamos que esse artigo tenha contribuído para a compreensão de algumas questões referentes a necessidade de uma abordagem mais humanitária e transdisciplinar em LA, e não meramente aplicacionista ou interdisciplinar, pois acreditamos que somente uma abordagem transdisciplinar seria capaz de verdadeiramente proporcionar soluções adequadas para as questões complexas investigadas em LA.

Vale ressaltar ainda que assim como Moita Lopes, não estamos em busca da concretização de uma utopia, mas tão-somente desejosos de que profissionais habilitados, competentes, éticos, justos e responsáveis assimilem a sua prática os quatro aspectos sugeridos pelo autor brasileiro, e que, dessa forma, compreenda-se para a LA um lugar de ensaio da esperança. Esperança de se fazer uma LA mais justa e inclusiva para todos, pois o futuro não se concretiza antes de haver um ensaio, e esse ensaio nada mais é do que a esperança (Moita Lopes *op cit*).

5. Bibliografia

- CAMERON, D. *Performing Gender Identity: Young Men's Talk and the Construction of Heterosexual masculinity*. In: JOHNSON, S. & MEINHOF, U. *Language and Masculinity*. Oxford: Blackwell, 1997.
- CANAGARAJAH, S. *Subversive Identities, Pedagogical Safe Houses, and Critical Learning*. In: NORTON, B. & TOOHEY, K. (Orgs.) *Critical Pedagogies and Language Learning*. Cambridge: CUP, 2004.
- FABRICIO, B.F. *Linguística Aplicada como espaço de desaprendizagem*. In: MOITA LOPES, L.P. *Por uma linguística aplicada indisciplinar*. São Paulo: Editora Parábola, 2006.
- HEBERLE, V. *Identidades e Gêneros no Ciberespaço: entre Cyborgs Heteroglóssicos e Esteriótipos Exagerados*. Trabalho Apresentado na Sessão Temática "Sentidos em Vertigens: Práticas Discursivas Contemporâneas e Desestabilização Identitária". VII Congresso de Linguística Aplicada, PUC-SP, 2004.
- KUMARAVADIVELU, B. *A Linguística Aplicada na Era da Globalização*. In: MOITA LOPES, L.P. *Por uma Linguística Aplicada Indisciplinar*. São Paulo: Editora Parábola, 2006.
- LEFFA, V.J. *Transdisciplinaridade no Ensino de Línguas: A Perspectiva das Teorias da Complexidade*. In: *Revista Brasileira de Linguística Aplicada*, vol 6 n.1, 2006.
- MEY, J.L. *Whose Language? A Study in Linguistic Pragmatics*. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 1985.

- MAGALHÃES, C. *Interdiscursividade e Conflitos entre Discursos sobre Raça em Reportagens Brasileiras*. Linguagem em (Dis)curso, vol 4, n. especial, 2004.
- MAKONI, S. & MEINHOF, U. *Linguística Aplicada na África: Desconstruindo a Noção de Língua*. In: MOITA LOPES, L.P. Por uma Linguística Aplicada Indisciplinar. São Paulo: Editora Parábola, 2006.
- MARTÍN-BARBERO, J. *Dos Meios às Mediações. Comunicação, Cultura e Hegemonia*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2003.
- MOITA LOPES, L.P. *Identidades Fragmentadas. A Construção Discursiva de Raça, Gênero e Sexualidade na Escola*. Campinas: Mercado de Letras, 2002
- MOITA LOPES, L.P. *Linguística Aplicada e Vida Contemporânea: Problematização dos Construtos que Têm Orientado a Pesquisa*. In: MOITA LOPES, L.P. Por uma Linguística Aplicada Indisciplinar. São Paulo: Editora Parábola, 2006.
- MORIN, E. *Ciência com Consciência*. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil, 2007.
- OSTERMAN, A.C. *Community of Practice at Work: Gender, Facework and the Power of Habitus at an All-female Police Station and a Feminist Crisis Intervention in Brazil*, Discourse and Society, vol 14, n.3, 2003.
- _____ *Queering Literacy Teaching: Analysing Gay-themed Discourses in a Fifth Grade Classroom in Brazil*, Journal of Language, Identity and Education, U.J. n.1, 2006.
- NELSON, C.D. *A Teoria Queer em Linguística Aplicada: Enigmas sobre “Sair do Armário” em Salas de Aula Globalizadas*. In: MOITA LOPES, L.P. Por uma Linguística Aplicada Indisciplinar. São Paulo: Editora Parábola, 2006.
- PAIVA, V.L.M.O. *Modelo Fractal de Aquisição de Línguas*. In: BRUNO, F.C. (ORG.) Reflexão e Prática em Ensino / Aprendizagem de Língua Estrangeira. São Paulo: Editora Clara Luz, 2005.
- PENNYCOOK, A. *Uma Linguística Aplicada Transgressiva*. In: MOITA LOPES, L.P. Por uma Linguística Aplicada Indisciplinar. São Paulo: Editora Parábola, 2006.